



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 4, número 2, maio-ago 2015

SHAKESPEARE VAI À ESCOLA: COMO TRABALHAR ROMEU E JULIETA EM SALA DE AULA



SHAKESPEARE GOES TO SCHOOL: HOW TO WORK ROMEO AND JULIET IN THE CLASSROOM

Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes GOMES
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 30/04/2015 • APROVADO EM 25/10/2015

Abstract

This paper aims at presenting strategies to work with a shakespearean text in a ludic and interdisciplinary way with high school students. In order to do so, *Romeo and Juliet*, perhaps the best known among Shakespeare's plays, will be our focus of discussion. Written at the end of the 16th Century, the tragedy may be seen as the perfect archetype for the young romantic love, a theme that will surely interest a young readership. The text may also be considered along its adaptations for the cinema, as well as many other literary texts that were written based on the shakespearean version. Our theoretic and methodological framework will be based on authors such as Heliodora (2011), Faria (2009), Pinheiro (2003), among others.

A proposta deste trabalho é apresentar estratégias que viabilizem o processo ensino-aprendizagem do texto shakespeariano, na sala de aula do ensino médio, de forma interdisciplinar e lúdica. Para tanto, utilizaremos talvez a mais conhecida entre todas as peças do bardo inglês, a tragédia *Romeu e Julieta*. Escrita no fim do século XVI, ainda no início da carreira de Shakespeare, a peça funciona como o arquétipo perfeito para o amor juvenil, o que faz com que a história desperte ainda hoje o interesse no público adolescente. Conta, também, com uma ampla produção cinematográfica, além de várias releituras feitas por outros autores da história de amor entre os dois jovens, tendo como base a versão shakespeariana. Nesse sentido, utilizaremos como aporte teórico-metodológico autores como Heliodora (2011), Faria (2009), Pinheiro (2003), entre outros.

Entradas para indexação

Keywords: Literature and teaching; Classroom; Drama.

Palavras-chave: Literatura e ensino. Sala de aula. Dramaturgia.

Texto integral

Ensino de literatura no Brasil – uma breve perspectiva histórica

Como o próprio título do artigo já antevê, o principal assunto abordado aqui será a peça shakespeariana *Romeu e Julieta*, além de estratégias a serem utilizadas em sala de aula, a fim de permitir o processo ensino-aprendizagem do texto em questão. Temos que ter em vista, porém, que o ensino de literatura no Brasil é algo bastante recente e que, apesar de sua contemporaneidade, é algo que já foi alvo de grandes alterações ao longo do tempo. Fazer uma pequena revisão desse ensino não nos é útil apenas como forma de evitar repetir equívocos passados, mas também nos serve como justificativa para algumas das estratégias que serão abordadas mais adiante no artigo.

O ensino de literatura no Brasil foi iniciado no século XIX. Nesse período, os estudos eram dirigidos às áreas de latim e sua produção literária, além de gramática portuguesa e retórica. Ainda no século XIX, porém, à semelhança do que ocorria na Europa, no Brasil surgiu um projeto de construção de identidade nacional, que propiciou à literatura conseguir uma certa autonomia em relação à retórica, quando é inaugurado o período de consolidação da história da literatura (FARIA, 2009).

Ainda segundo a estudiosa, na tradição da literatura, que se iniciava então, ocorria aqui o mesmo que na Europa: a abordagem da literatura, ajustada ao ideal de objetividade histórica, descreve o passado restringindo-se ao cânone das obras

e autores consagrados pela tradição, excluindo textos divergentes de um determinado modelo de literatura (FARIA, 2009).

Essa orientação historicista no ensino da literatura no Brasil perdurou desde seu aparecimento, no século XIX, até a década de 1960. É interessante notar que Literatura, como disciplina autônoma, sumiu do currículo na década de 70 do século XIX, reaparecendo somente em meados de 1925. O domínio de tal orientação perdurou até o ano de 1962, quando foi introduzida nos cursos de Letras a disciplina de Teoria Literária.

Talvez mais preocupante do que o hiato que a Literatura sofreu enquanto disciplina autônoma, entre os séculos XIX e XX, sejam os efeitos que essa perspectiva historicista proporcionou ao ensino de literatura. Enquanto vigorava, percebia-se claramente que as interpretações estavam incrustadas na crítica e que, saindo da academia, cristalizavam-se no interior dos muros escolares e eram tomadas como certezas inabaláveis que substituíam a leitura do próprio texto literário. A ausência de uma prática de leituras literárias promovia mais ainda as interpretações canônicas e impedia, na prática, leituras arejadas que pudessem questionar o universo crítico canônico (FARIA, 2009).

Mais do que o próprio cânone em si, ou simplesmente a leitura das obras literárias, o ensino da literatura estava voltado à crítica canônica, ou seja, às interpretações feitas sobre as obras literárias, interpretações essas validadas pela tradição. Isso impediu não só que leituras com diferentes roupagens fossem feitas, mas também impediu a produção de novas críticas sobre os textos literários, críticas essas que poderiam trazer um novo enfoque de análise, antes desprezado pela crítica canônica.

Esse modelo de se perceber a literatura, porém, não vigora até hoje. Segundo Vieira:

Os primeiros documentos oficiais no estado de São Paulo nos fins da década de 1970 e ao longo da década de 1980, preconizaram o abandono das listas de conteúdos, das longas listas de autores e obras de abordagem do ensino de Literatura pelo viés historicista, privilegiando a leitura do texto concomitante ao estudo da história literária. (VIEIRA apud FARIA, 2009, p. 4).

A leitura da obra passou a ser, então, valorizada, assim como o entendimento que o leitor tem do texto que leu. Nesse sentido, é exemplar o trecho encontrado nas Propostas Curriculares para o ensino de Língua Portuguesa – 2.º grau, quando lemos: “Ninguém aprende o que é leitura ‘ouvindo falar’ de obras, autores, características... é necessário fruí-lo, entendê-lo nas relações que mantém com os outros textos, para compreender o que representa e por que é literário” (SÃO PAULO, SEE/CENP, 1992, p. 43).

Essa leitura, porém, não pode ser realizada de forma aleatória, sem método. Por isso, passemos então a nosso próximo tópico, em que será defendida a

necessidade de uma postura científica por parte do leitor, ao debruçar-se sobre a literatura.

Por uma leitura científica em Literatura

Pinheiro (2003), em seu artigo "Pesquisa em Literatura: atitudes e procedimentos", faz uma espécie de guia para alunos iniciantes no curso de Letras. Aborda vários temas, desde pesquisas relativas ao ensino a como proceder na elaboração de um projeto de pesquisa. A parte de maior relevância de seu texto para nós nesse momento, porém, é o mapeamento que o autor empreende sobre o que viria a ser uma postura científica, uma atitude científica por parte do indivíduo ao realizar a leitura.

Para o estudioso, mais importante que a leitura da fortuna crítica referente a uma obra ou a um autor, como vimos que defendia a perspectiva historicista, é a leitura do texto literário em si. Somente por ela é que o método a ser empregado em nossos estudos posteriores nos pode ser revelado. Afirma: "[...] à medida que vamos nos aproximando do objeto (poema, conto, romance, etc.) é que vamos descobrindo elementos importantes para a leitura" (PINHEIRO, 2003, p.14), ou, em outras palavras, poderíamos dizer que o texto simplesmente nos diz como quer ser trabalhado.

A leitura do texto literário, todavia, não pode ser realizada de forma aleatória. Para Pinheiro, ela deve vir acompanhada de uma atitude científica por parte do leitor, atitude essa que é entendida como:

[...] uma maneira de agir, de observar, de perceber os fatos que nos rodeiam e interrogar sobre eles. Trazendo para o âmbito da literatura, a atitude científica deve se caracterizar pela constante pergunta sobre o sentido do que foi narrado [...] ou do que foi sugerido por uma imagem poética. (PINHEIRO, 2003, p. 16).

A leitura e o prazer que ela nos proporciona não seriam plenos apenas em si mesmos, isso quando temos em vista realizar um estudo, uma análise crítica sobre determinada obra. Para que esta última possa acontecer, o leitor/estudioso deve, diante do texto literário, fazer indagações, questionamentos; deve concordar com ele, discordar dele; deve se inquietar.

Seria papel do professor desenvolver essa postura científica nos seus alunos. Para o autor:

Estimular uma atitude investigativa diante dos textos não deve se reduzir a um semestre, a uma disciplina, a um momento. Parece-me que deveria ser a postura do professor que trabalha com o texto literário – das primeiras séries do ensino médio aos cursos de pós-graduação. (PINHEIRO, 2003, p. 19-20).

Tendo em mente as recomendações do estudioso supracitado, focalizamos o olhar na peça *Romeu e Julieta*, tendo como objetivo precípua a elaboração de estratégias pedagógicas que possam ser trabalhadas em sala de aula e que têm como público-alvo os alunos do ensino médio.

10 Passos de como trabalhar *Romeu e Julieta* na escola

Antes de mais nada, cremos que uma pequena defesa de *Romeu e Julieta* deve ser feita. Ao menos em um primeiro contato com os alunos, a peça é mais adequada do que outros textos literários, tanto de outros autores como do próprio Shakespeare. Talvez seja um dos textos mais universalmente conhecidos, e certamente teria um forte apelo temático perante os jovens do ensino médio, devido à história de amor entre o jovem casal protagonista. Além disso, essa peça permite múltiplas abordagens, que serão discutidas posteriormente, durante a explanação das estratégias.

É importante ainda ressaltar que tal artigo reflete as discussões realizadas anteriormente, durante e posteriormente ao minicurso "Shakespeare vai à escola ou como trabalhar o texto shakesperiano na escola secundária", ministrado no IV Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, realizado na Universidade Federal de Campina Grande em 2012.

Elencamos, assim, dez estratégias e vale dizer que elas não estão dispostas em uma ordem exata de execução ou relevância.

1. Leitura dramática

Uma das possibilidades de se trabalhar o texto shakespeariano em sala de aula é através da realização de uma leitura dramática. Cada estudante fica responsável por ler as falas de determinado personagem e, dessa forma, além de garantir a leitura em sala das cenas mais importantes, o professor ao mesmo tempo está desenvolvendo a criatividade e habilidade de improvisação dos alunos.

Outra possibilidade é pedir para os estudantes homens fazerem a leitura das falas personagens femininos, a fim de que eles percebam como acontecia a encenação de peças nos tempos de Shakespeare.

2. Produção textual

Outra estratégia possível de ser utilizada em sala de aula é a da produção textual. Esse ponto pode ser desenvolvido de várias formas. Uma delas seria a feitura de uma adaptação da história de amor entre Romeu e Julieta, levando em

conta as peculiaridades culturais do estudante e de seu ambiente. Poderia também ser pedido aos alunos que fizessem um texto imaginando o casal Romeu e Julieta vinte e cinco anos depois, caso eles não tivessem morrido no fim da peça.

Os gêneros textuais também podem ser explorados tendo por base a peça *Romeu e Julieta*. Tendo em vista que os alunos já teriam trabalhado a recepção e como tais gêneros se constituem, o professor de literatura poderia pedir para que eles escrevessem, por exemplo, uma notícia sobre a morte do jovem casal. Além disso, de uma cena da peça poderia ser pedido um resumo. Escrever um texto opinativo também seria possível, e temas recorrentes na peça poderiam ser nele abordados, como por exemplo o ódio entre as famílias e o amor na juventude. Por fim, há ainda a possibilidade de se pedir aos alunos que escrevam uma resenha crítica contemplando a peça do escritor inglês.

3. Trabalhar o texto shakespeariano através do cordel

Especialmente nas escolas do Nordeste brasileiro, onde o apelo do cordel é grande, trabalhar com esse tipo de intertexto com a peça shakespeariana pode ser uma boa opção. Dentre os cordéis, dois que se destacam são *O romance de Romeu e Julieta*, de João Martins de Athayde, e *Coco Verde e Melancia*, de José Camelo de Melo. Esse último, por exemplo, conta a estória de Rosa e Armando, que se apelidam de Melancia e Coco Verde para poderem namorar secretamente.

Trabalhar com os intertextos em cordel da peça shakespeariana poderia, ainda, contribuir para o avanço e sistematização da utilização de tal tipo de literatura popular em salas de aula, já que até mesmo no Nordeste, a relação entre sala de aula e cordel não parece ser algo tão recorrente assim. *O romance de Romeu e Julieta* e *Coco Verde e Melancia* poderiam, assim, vir a suprir uma carência da utilização de estratégias metodológicas que levem em conta tal tradição artística.

4. Encenação da peça

Nesse caso, seria interessante trabalhar com o professor de Artes da escola a possibilidade da encenação da peça. Toda a turma poderia ser parte integrante do processo. Aqueles que não quisessem atuar na peça poderiam fazer parte da montagem do figurino, da trilha sonora etc.

5. Pinturas

Vários artistas já fizeram quadros que retratam cenas da peça. É possível realizar um estudo que permita a análise de tais pinturas, a fim de que se pense o porquê do artista ter escolhido retratar a cena de tal maneira, do uso das cores que ele empregou e seu estilo. Francesco Hayez, Johann Heinrich Füssli e Sir Frank

Dicksee são exemplos de pintores que se inspiraram na peça de Shakespeare para fazer sua arte.

6. Adaptações cinematográficas

Jovens estudantes talvez se sintam desmotivados a iniciarem a leitura de *Romeu e Julieta*, podendo isso ocorrer até pela falta de costume de lerem textos dramáticos. Um filme, nesse, pode despertar neles o interesse pela estória e fazer com que leiam a peça e, até quem sabe, outras mais. A versão de *Romeu e Julieta* que mais apela para o público jovem é a de Baz Luhrmann (1996), mas também há clássicos, como a dos diretores Franco Zeffirelli e George Cukor, que podem ser bem apreciadas.

7. Encenação a partir de bonecos

Além da tradicional, poderia ser realizada também uma encenação a partir de bonecos, ou como é popularmente conhecido, o teatro de mamulengos. Aqui também cabe um trabalho conjunto com o professor de arte, tanto na parte de ensaio da peça quanto na confecção dos próprios bonecos.

8. Trabalhar o texto suassuniano

Ariano Suassuna, escritor e poeta nordestino, é um ferrenho defensor da língua portuguesa e da cultura popular. E nessa última ele se apoia a fim de escrever sua versão da tragédia de amor de Romeu e Julieta; escreve-a em forma de cordel, gênero tipicamente brasileiro, e usa expressões típicas da cultura nordestina.

9. Elementos da língua inglesa

Dentro da peça de Shakespeare, alguns elementos podem ser separados e analisados dentro da aula de língua inglesa, tais como pronomes relativos, adjetivos e tempos verbais.

10. Linguagem poética

Nesse ponto, pode-se trabalhar a literariedade do texto, explorando os aspectos sonoros, lexicais, morfossintáticos e semânticos, mostrando o efeito que

sobressai destes arranjos artísticos, se tomarmos como base o pensamento dos formalistas russos.

Com as estratégias de leitura(s) de *Romeu e Julieta* que aqui elencamos, tendo sempre em mente um trabalho com tal peça em salas de aula do Ensino Médio, procuramos privilegiar sobremaneira o texto literário e seus intertextos, traduções ou adaptações. O professor que por acaso resolver seguir (alguns d)os dez passos propostos, irá perceber que estará trilhando um caminho de ensino-aprendizagem em que a literatura – e as outras linguagens artísticas – será o grande guia de todo o percurso. Escolhemos privilegiar o texto literário, pois cremos que a escola é o local onde não devemos aprender do que falam os críticos, mas sim do que falam as próprias obras (TODOROV, 2009).

Ler (das mais diversas maneiras) um texto literário pode mostrar-se como uma atividade que, além de auxiliar no desenvolvimento de uma maior criticidade em seu público leitor,

[...] nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, [a literatura] permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 24).

Conclusão

William Shakespeare, dramaturgo inglês do final do século XVI e início do século XVII, é considerado por muitos como um dos grandes escritores de todos os tempos. Foi colocado, inclusive, como o centro do cânone ocidental, na visão do teórico estadunidense Harold Bloom, em seu livro *O cânone ocidental*. Para ele:

Vir depois de Shakespeare, que escreveu a melhor prosa e a melhor poesia na tradição ocidental, é um destino complexo, uma vez que a originalidade se torna singularmente difícil em tudo que mais importa: a representação de seres humanos, o papel da memória no conhecimento, o alcance da metáfora na sugestão de novas possibilidades na linguagem. São excelências particulares de Shakespeare, e ninguém o igualou como psicólogo, pensador ou retórico. (BLOOM, 1995, p. 19)

Concordar ou não com o pensamento de Bloom, quanto a colocar Shakespeare nessa posição de destaque dentro do cânone ocidental, é uma questão passível de ser debatida – passível também de ser debatida é essa ideia de cânone desenvolvida pelo estudioso.

Creemos que ninguém irá negar, porém, a alta qualidade literária das obras shakespearianas. Apesar de terem sido escritas há aproximadamente quatro séculos, as peças de Shakespeare continuam atuais. Suas temáticas estão sempre ligadas ao homem e à sua condição enquanto humano; como exemplo disso podemos citar: traição, vingança, amor, amizade etc. Tudo isso sempre desenvolvido com uma linguagem muito bem trabalhada, com elevada poeticidade.

Estudar Shakespeare na sala de aula, pois, e em especial *Romeu e Julieta*, só viria a somar positivamente. Mas alguém poderia perguntar: "E por que *Romeu e Julieta*"? Responderíamos a esse questionamento com outro. E por que não *Romeu e Julieta* também, além de *Otelo*, *Macbeth*, *Muito barulho por nada* e tantas outras peças fantásticas do dramaturgo inglês?

Possível de ser estudada nas aulas de português, inglês, artes, geografia, história etc., a conhecidíssima tragédia de amor entre os dois jovens também pode ter um papel crucial no desenvolvimento dos alunos, ao apresentá-los ao deslumbrante mundo dos palcos do teatro e trazer Shakespeare (por vezes considerado um autor erudito ao extremo, impossível de ser lido) para dentro de seu mundo, de sua realidade.

Referências

BLOOM, H. **O cânone ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

FARIA, V. F. S. O ensino de literatura e a formação do leitor literário: entre saberes, trajetórias de uma disciplina e suas relações com os documentos oficiais. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madri, n. 49/7, jun. 2009.

HELIODORA, B. Introdução. In: SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 7-13.

PINHEIRO, H. Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos. In: PINHEIRO, H. (Org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003. p. 13-46.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. CENP. **Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa**. 2.º grau, 2.ª versão preliminar. São Paulo, 1992.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Para citar este artigo

GOMES, Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes. Shakespeare vai à escola: como trabalhar Romeu e Julieta em sala de aula. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 4, n. 2, p. 15-24, maio-ago. 2015.

O autor

Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes é graduado em Letras – Inglês pela Universidade Federal da Paraíba, atualmente desenvolve pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da mesma Instituição.